



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

NOME: O LUGAR DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO EM NOVOS ESPAÇOS

Autor: José Eduardo Gonçalves dos Santos

(Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Letras/Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, eduardo.goncalves.santos@hotmail.com, Orientadora: Cristina Lucia de Almeida – Centro de Educação/Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, krisluci@yahoo.com.br)

Resumo: O trabalho que ora apresento tem por objetivo trazer à baila discussões acerca da formação do leitor literário em contexto de ampliação de tecnologias e de produções literárias em novos suportes. Como ponto organizador desta proposta, ponho a obra nome (ANTUNES, A. 1993), bem como a experiência de mediação literária com a obra (no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado, realizado numa escola pública federal do estado de Pernambuco) destacando – para além do caráter inovador e agregador em aspectos de ciberespaço – o uso de diferentes linguagens artísticas e a contemporaneização do conceito verbivocovisual. Assim, a metodologia desta proposta felicita-se por (i) trazer em seu bojo o trabalho com uma obra no seio da literatura contemporânea, pensada e produzida a partir do código digital; (ii) propor caminhos de análise literária em interface com as artes visuais e a canção, sobretudo, para se chegar à formação de leitores literários capazes de fruir e relacionar as linguagens artísticas na apreciação de uma obra literária; (iii) tencionar possibilidades de ensino de literatura em vias de uma concepção sincrônica, de modo que compreenda a relação entre os movimentos literários e as antecipações que a poesia concreta tem para a produção de Antunes. Como ponto referencial, este trabalho recorrerá à Teoria da Poesia Concreta (CAMPOS, A. et al. 2014), como ponto de se compreender a atuação contemporaneizante realizada pelo supracitado Antunes, buscando base em Katherine Hayles (2009) que versa acerca da produção literária em vias eletrônica, chegando às percepções de Ivanda Martins (2005) como antecipadora de uma discussão acerca da mediação da leitura literária em contexto de novas tecnologias. Logo, esta proposta faz-se importante por congrega ensino e pesquisa, num contexto de extensão, apresentando resultados de um trabalho que se mostrou feliz em seus alcances, haja vista a recepção do alunado envolvido e a fecundidade da obra escolhida no alcance cerne aqui posto: formar leitores críticos-reflexivos, capazes de apreciar obras em literárias em novos espaços e relacionar as linguagens artísticas que compõem o corpo em literatura.

Palavras-chave: Nome, Arnaldo Antunes, Literatura Eletrônica, Formação Leitora.

Fundamentação teórico-metodológica

*Só a Antropofagia nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente.*

Manifesto Antropófago – Oswald de Andrade.

Ao ritual indígena de comer o outro, era dado o nome de **antropofagia** que, diferindo-se de mero canibalismo, tem em si uma concepção crítica: **naquela**, não é qualquer parte que é comida; não é qualquer um que é comido; não é comido por mero prazer: antes da comida, vem o trabalho – a conquista, a seleção. A antropofagia é, antes de um conceito muito bem definido, uma luz oswaldiana, uma herança que – não com muito esforço – põe a concepção de se formar no *outro* a avante-garde filosófica, política e, sim, estética: a literatura é o ponto de transformação social.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



Permanentemente, é necessário transformar o *tabu* em *totem*; ser essencialmente moderno. A *antropofagia nos une* e nos faz requerer e reclamar o lugar da sincronia, da relação entre os mo(vi)metos, da experiência literária – uma vez que vai ter bases sólidas da tradição crítica e de concepção moderna. Neste trabalho, portanto, a antropofagia, a magia e a sublimação são pontes para se chegar à mediação literária, à reflexão linguística e às produções textuais que requererão à volta ao momento de percepção do outro, da ação coletiva e da manifestação ideológica – mediada pela palavra: com as felicitações claras de serem essas as literárias.

Ora, quando escolho a concepção de *antropofagia* (ANDRADE, 1928) para fundamentar este trabalho-ação, entre outros motivos, escolho-a a fim de se aproximá-la ao caro e debatido dialogismo, que nos permite ter o *outro* como lugar de constituição, guiando práticas e ações pautadas na sócio-interação – com situação concreta de uso e reflexão que nos permita uma compreensão que vá além da axiologia estrutural (BAKHTIN, 2010). Neste intento de aproximação, não estou só. Melhor dizendo: as raízes dessa aproximação, não são minhas. Perrone-Moisés (1982), crítica fecunda para a construção desta reflexão, apresenta-nos concepções e percepções críticas para a compreensão da Literatura Comparada, bem como caminhos para se fugir ao comparativismo decadente de sobreposições e influências psicanalíticas que põe a produção por vir sempre em dívida à posta e aceita como cânone literário. Ambos os autores, cada um em seu momento e por seus motivos, apresentam – segundo Perrone-Moisés (*Idem*) – modos de operar as relações entre os movimentos literários sem recair na casmurra diacronia, que limita e isola as produções, compreendendo o *outro* como lugar de formação do *eu*, da percepção dialógica-antropofágica.

É nesse sentido, então, que tomo a antropofagia como sendo

o desejo do Outro, a abertura e a receptividade para o trabalho alheio, desembocando na devoração e na absorção da alteridade. A devoração proposta por Oswald de Andrade, contrariamente ao que alguns afirmam, é uma devoração crítica. (PERRONE-MOISÉS, 1982, p. 94).

Nessa devoração, portanto, aproximo – agora – a metáfora antropofágica dos amavios da linguagem literária, na sua necessidade de dar ao *outro* caminhos para uma atuação leitora literária significativa. Desse modo, percebemos sua proposta de organização sincrônica como possibilidade de quebra com as perspectivas analíticas que visam o mero historicismo, indo à proposição de uma leitura que olhe para as relações mais do que as influências, que preze pela experiência em detrimento da herança costumeira e acrítica: “Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.” (ANDRADE, 1928, p. 7). Desse lugar da experiência, parto para observar o que



dizemos críticos inspirados em suas contribuições para o ensino de literatura e – de início – apresento Todorov (2009, p. 23) que, em sua revisão do formalismo e de consequências desse para a experiência literária escolar, aborda – entre outros temas – o lugar da construção e da reflexão *alter* por meio da Literatura:

a literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.

Talvez, seja forçoso dizer o quanto de antropofágica é a fala de Todorov, crítico rigoroso em sua relação com a palavra literária; talvez, seja necessário valorizar as contribuições fluídas de um modernista que conviveu com o desprezo do passadismo, após nos legar a perspectiva de ver no outro a condição primeira do ser.

Em continuidade com a valorização do elemento literário e da antropofagia com lugar de construção deste proposição, podemos voltar ao manifesto e observar o caráter reflexivo que é dado ao elemento literário em sua capacidade de *transver* o social e de contestar o real, com alguma repercussão crítica entre aqueles que colaboram para a construção deste. Tomando, assim, Cândido (2006, p. 186, **grifos meus**), para quem a literatura é um direito, bem como a arte, que não pode ser excluída ou anulada sob pena de atrofiar a capacidade de construção humana:

a literatura corresponde a uma necessidade universal que **deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade**, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.

O humanizar de Cândido, bem como a antropofagia de Oswald, passam pelo crivo da capacidade crítica: ambos sabendo que, tanto o ato de comer o *outro* quanto o ato de se humanizar por meio da arte passam pela capacidade da escolha e da dialética entre as partes: o ato de se humanizar já traz em si a concepção de ser crítico, ainda mais por saber que o humano é o duplo. Não por outros caminhos, a escolha literária subjacente à proposição metodológica deste, está pautada na repercussão que ela poderá ter na vida pós-escola, para além da escola, num contínuo que toma o âmbito escolar como uma das possíveis esferas de formação do sujeito, tornando-os críticos-reflexivos na capacidade de perceber que a Literatura Literária não simula a vida, ela recria o real, o desvenda, ampliando e transformando o nosso ideal de mundo (Cf. TODOROV, 2009; PERRONE-MOISÉS, 2008; GEBARA, 2012; PINHEIRO, 1995). Com um pouco mais de contundência:

a leitura literária ocupa lugar de destaque na formação de um leitor proficiente. O leitor de literatura é alguém que escolhe ler porque descobriu o prazer de ler. Mas,



além do despertar do gosto, a formação para a literatura faz-se a partir do desenvolvimento de capacidades que auxiliam os leitores em formação a abordar o texto literário, dando conta de suas especificidades e das estratégias e recursos que fazem a sua literariedade. (PCE, PERNAMBUCO, 2013, p. 85).

A literariedade ocupa aqui, portanto, a capacidade de unir forma e conteúdo com a preocupação de formar leitores que fruam no objeto literário, observando a capacidade de relação *entre-artes*, bem como o partir do campo literário para as relações que se estabelece em outros campos da produção de linguagem.

A antropofagia oswaldiana me guia, ainda, em caminhos de relação entre a Literatura e os conhecimentos concernentes ao campo teórico-metodológico de ensino de Língua Portuguesa, por trazer em si a valorização de uma concepção crítica de língua. Observemos o poema *corpo* da antropofagia em linha de valorização do caráter cultural e linguístico do povo brasileiro ainda na década de 20:

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

(ANDRADE, Oswald, 1971)

Tecido vivo. É assim que Oswald de Andrade compreende a língua e o uso que é dado em consideração ao entorno social e cultural, de modo a fazer de sua luz antropofágica uma estratégia de ensino aos professores leitores e sensíveis ao ideal de língua(gem) pautado no uso e na valorização da interação. É por assim dizer, então, que este trabalho vai à busca de relacionar as concepções em torno de sua organização conceitual ao modo concreto de fazer poesia, que resgata e propaga a vida em torno da obra e do pensamento oswaldiano, chegando à relação entre as artes.

Apanhe e leve algumas palavras como souvenirs: Polivox.

O tópico que ora apresento traz, por fim, parte dos reminiscentes relatos do que foi a prática do projeto didático intitulado “Da poesia – bumerangue – concreta ao *neotudo NOME*”, relatando os momentos significativos com a obra de Arnaldo Antunes, como recorte metodológico, deixando



de lado alguns pontos outros que compuseram a prática docente. Assim, os encontros tiveram como objetivo a discussão do conceito de Poesia Eletrônica e de poesia visual (no âmbito da literatura contemporânea). De início, o conceito de neo-concretismo foi refutado por seguir as orientações de que Arnaldo Antunes, que milita em territórios concretos, chegou a ser mesmo taxado de pós-concreto – ainda que esse mo(vi)mento tenha acontecido de modo efêmero (CAMPOS, H. 1996) – mantendo uma coerente leitura da proposta de Augusto de Campos, sobretudo, com uma abertura estética em três áreas: a verbal, com o poema; o visual, com a extrapolação da palavra e a criação de poemas visuais; o vocal, com a abertura sonora e tudo o que ela suscita, chegando mesmo ao campo consciente da performance como proposta estética. Em liames literários, o modo estético de Antunes é antropófago a uma produção estético-política, o que poderia justificar a produção de algumas de seus vídeo-poemas, apresentados à turma. Assim, a proposta concretista e as influências posteriores, com foco na produção em torno da obra de Arnaldo Antunes, foram postas como conteúdos para os encontros, observando – ainda – a utilização da tecnologia no fazer literário.

Como meta de aprendizagem, portanto, buscou-se compreender o modo como a poesia concreta contribuiu para o projeto estético de Arnaldo Antunes, bem como esse lança mão de aparatos tecnológicos na complexificação do verso, de modo a se chegar à criação de imagens e de som que formam uma unidade nova – o vídeo-poema/*clipoema* –, a fim de elevar a capacidade verbal do poema; compreender as diferenças principais entre o trabalho com os elementos sonoros e com os audiovisuais, utilizados na construção do *Nome*. Nesse sentido, a fim de se discutir, com os alunos, a questão da sincronia literária e a criação contemporânea, como fator de incidência entre os mo(vi)mentos artísticos e de troca entre os autores, iniciei o encontro com poema *agora*, de Arnaldo Antunes, em versão apenas verbal – inicialmente – a fim de levá-los a aproximação formal dos dois períodos estéticos, além de retomar o modo oswaldiano de criação literária, uma vez que o poema se constrói com a justaposição de duas imagens: o agora e a brevidade, sintetizada no único verso *já passou*. Após apresentado em plano verbal, como um poema que preza pela concisão contundente dos movimentos supracitados, apresentei o vídeo-poema para estabelecer a discussão entre a proposta em palavras e a ampliação ao plano tecnológico, com o acréscimo de imagens em movimentos e de uma construção sonora, que leva o poema ao formato audiovisual. A colocação deste fato e a discussão sugerida se fez necessário para evidenciar aos leitores, em construção de seus processos de leituras, a capacidade antropófaga do poeta que está sendo apresentado uma proposta contemporânea que vá buscar desde poetas como Oswald de Andrade, com a utilização de



poemas curtos – apesar da densidade conceitual e estética –, ao trio *Noigrandes*, sobretudo Augusto de Campos, que trouxe em suas propostas estéticas a preocupação com a movimentação da palavra e a organização gráfica, além da utilização do recurso tecnológico, algo realizado pelo grupo mesmo sem a possibilidade tecnológica. Nesse momento, algumas perguntas foram colocadas, a fim de envolver o grupo classe.

- a. Primeiramente, qual a força do poema para os dias de hoje?
- b. A tônica da brevidade remonta algum outro período estético brasileiro?
- c. Para vocês, ao inserir a imagem e o som, o poema é ampliado de modo a ser lido em linhas múltiplas?
- d. Qual a relação do título com o único verso do poema?
- e. Pode-se, com a leitura desse poema, considerar alguma tendência estético-política, na proposta de Antunes?

Algumas delas, inclusive, foram vencidas no debate que surgiu e que fez o grupo-classe fruir e promover discussões receptivas em torno na obra do poeta contemporâneo, de modo que o poema *velocidade*, além do poema *amor*, foram relacionados ao *agora*, de Antunes. Foram essas perguntas importantes, ainda que nem todas utilizadas, para a introdução à proposta estética de Arnaldo Antunes que dialoga, sobretudo, com a antropofagia oswaldiana e a contundência experimental de Augusto de Campos. Guiando uma inicial abertura ao conceito subjacente à obra *Nome*.

Após a leitura do *agora*, bem como a discussão em torno do poema, foi apresentado à turma o poema *tato*, com o objetivo de se discutir os elementos de linguagem constitutivos do poema e como esse modo de fazer poesia, ao passo que se liga às estéticas comidas – numa relação antropofágica –, apresenta traços genuínos de uma produção autônoma e de valorização do elemento poético da linguagem. O vídeo-poema foi apresentado a fim de contextualizar (i) as imagens construídas e os elementos explorados para a construção do caráter poético da produção; (ii) a produção audiovisual e sua relação com as palavras; (iii) o tema abordado e as escolhas das palavras. Como questões norteadoras, tivemos as seguintes perguntas:



- a. Qual a relação que podemos estabelecer entre o tato e o poema lido?
- b. Qual seria o ganho literário em ressignificar o óbvio, no poema?
- c. Qual a relação entre as imagens escolhidas, a sonoridade e a letra do poema?
4. Os fatos ressignificados pelo poeta evidenciam alguma ligação com a construção estética do projeto *Nome*?

Segundo a professora-supervisora, a reação da turma foi de enrubescimento frente ao *tabu* temático da sexualidade e da exposição do corpo, o que me pegou um pouco surpreso por acreditar que o caminho trilhado, até aqui, permitiria a leitura crítica de um poema que põe em *totem* alguns dos *tabus*. No sentido de me precaver às críticas em torno da obra de Arnaldo Antunes, poeta que – como qualquer outro – não agrada a todos, voltei ao “ver com olhos livres”, escrito no quadro, que foi mencionado por uma das alunas como lugar, também, do limite. Em consonância com ela, acenei de modo positivo, com a ressalva de que o limite é subjetivo, de modo que a obra, que não a agradou, poderia agradar a outro leitor – sem ferir o limite dos *olhos livres*. Em tom de apaziguar a situação, um dos alunos se posiciona favorável o poema chegando a citar a questão dos pelos e sua mostra que chega a criar um desconforto no leitor. Nessa altura, a professora-supervisora tenta me auxiliar falando que uma geração de poetas da tradição universal fizeram uso do erotismo em suas composições, desde as cantigas de amigo às cantigas de escárnio e mal dizer – o que pode indicar uma tendência de proximidade de Antunes, já que seu poeta inspiração – no Brasil – é Augusto de Campos, *transcriador* de algumas dessas cantigas.

Passando ao vídeo-poema seguinte, a fim de continuar a leitura do conceito subjacente à proposta do primeiro trabalho em campos literários de Antunes, o poema título do projeto – *nome* – foi apresentado à turma com o objetivo de ser lido em torno da necessidade de novas nomenclaturas ao ser *homem*, ao lugar *pós-vida* e ao fenômeno *morte*. As imagens que o poema constrói levam o leitor, em uma de suas possibilidades, a observar que as definições fechadas acerca de alguns temas complexos de nossa existência precisam ser relativizados, sem o fechamento a uma única possibilidade. Assim, *nome* foi lido com as seguintes colocações:



- a. O uso da palavra algo, pronome indefinido, para nomear o homem pode suscitar alguma ideia de indefinição do próprio homem?
- b. Quais outras palavras, no poema, poderiam trazer ao cerne da leitura a discussão acerca da (in)definição de homem?
- c. Quais os fenômenos puramente humanos, a partir da leitura do poema, são possíveis identificar?
- d. O outro sendo apresentado como o homem pode evidenciar a própria perspectiva de construção antropofágica na criação estética de Arnaldo Antunes?

O grupo de perguntas, que foi lançada aos alunos como forma de provocação à unidade da obra, veio como forma de levá-los a perceber que, em tendências contemporâneas literárias, o conceito e a estética estão em caminhos muito próximos, realizando um processo de arte que, apesar de ir além à nomenclatura conceitual, faz uso desse para problematizar alguma questão de caráter filosófica e/ou política. A obra *Nome*, nessa conjuntura, se organiza por trabalhar o conceito da possibilidade de resignificação da coisa, da nomeação para além do existente e de construir imagens que, ao usar o óbvio, o leva além. Ponto alto dessa discussão: a percepção de um dos alunos que o vídeo-poema apresenta especificidades de manifesto, por trazer em si questões de contestação ao que é posto, além de fazer uso de palavras que chamam o *outro* a passear pelas veredas dos inomináveis, com contestação às arbitrariedades.

Em continuidade de se compreender o modo como a poesia concreta contribuiu para o projeto estético de Arnaldo Antunes, bem como esse lança mão de aparatos tecnológicos na complexificação do verso, de modo a se chegar à criação de imagens e de som que formam uma unidade nova – o vídeo-poema –, a fim de elevar a capacidade verbal do poema, além de compreender as diferenças principais entre o trabalho com os elementos sonoros e com os audiovisuais, utilizados na construção do *Nome*. Assim, as socializações das análises iniciaram, a fim de promover o compartilhamento dos saberes construídos pelos grupos no ato das análises dos vídeos-poemas, bem como para a verificação, no que diz respeito aos conceitos trabalhados. A fim de propiciar uma atividade de apreciação coletiva de poemas contemporâneos que dão continuidade ao modo moderno, concreto e experimental de fazer literário, a turma foi dividida em seis grupos, que tiveram, além do contato verbal com o poema, a experiência da leitura do vídeo-poema, a fim de auxiliar na análise, observando a ampliação do verbal para sua capacidade sonora e visual.



Assim, os saberes construídos, ao longo da regência, foram mobilizados para garantir o êxito na análise dos poemas, servindo, também, de momento contextualizador dos conteúdos e realidades estéticas vivenciadas, de modo que a sensibilidade de relacionar os poemas com a proposta concreta, bem como com a proposta modernista da primeira, sobretudo nas linhas de produção oswaldianas, foram observadas. Para este momento, foi solicitado que os alunos (i) demonstrassem capacidade crítica-analítica para apreciação dos textos; (ii) resgassem os conteúdos construídos de aulas anteriores, demonstrando precisão e coerência nas análises; (iii) comparassem o intento verbal com a ampliação para o vídeo-poema. Sendo um dos momentos de avaliação, O **conteúdo abordado**, portanto, para a análise dos poemas, foi:

- (i) observar a proposta concretista e as influências na literatura contemporânea, com foco na produção em torno da obra de Arnaldo Antunes;
- (ii) a literatura contemporânea e a utilização da tecnologia no fazer literário para a consolidação do fazer estético.

As **metas ou expectativas de aprendizagem** foram:

- (i) compreender o modo como a poesia concreta contribuiu para o projeto estético de Arnaldo Antunes, bem como esse lança mão de aparatos tecnológicos na complexificação do verso, de modo a se chegar à criação de imagens e de som que formam uma unidade nova – o vídeo-poema –, a fim de elevar a capacidade verbal do poema;
- (ii) compreender as diferenças principais entre o trabalho com os elementos sonoros e com os audiovisuais, utilizados na construção do *Nome*.

O primeiro grupo socializou a leitura do poema *cultura*, apresentando boa leitura no quis diz respeito aos conceitos de cultura o ao lugar que os elementos de caráter subjetivo e concreto ocupam nele, relacionando a leitura com versos do poema e estando sensíveis às ressignificações de lugares estáticos dos que compõem a cultura ocidental. Ressaltaram composições típicas dos poemas que seguem a tendência do experimentalismo, com apontamentos para as metáforas inteligentes que quebram a expectativa do leitor, além de relacionar os elementos verbo-visuais que compõem o vídeo poema, consolidando o aspecto verbivocovisual do movimento concreto. O segundo grupo, por sua vez, socializou a leitura do poema *nome não*, destacando a desconstrução de elementos que nos fazem agir automaticamente, ainda que de modo inconsciente, com referência direta aos nomes e sua insuficiência em dizer, de modo que a arbitrariedade do signo volta à reflexão do fazer literário, ainda mais numa construção em vídeo que põe o som e a imagem em



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

evidência, ampliando e elevando a capacidade verbal para o diálogo com outras artes. A relação entre os movimentos estudados e a produção de Arnaldo Antunes foi realizada, de modo que, mais uma vez, o grupo esteve sensível a perceber que não se pode exigir a essência das coisas pela palavra, ainda que seja esse elemento de constituição social. O terceiro grupo socializou a leitura do poema *direitinho*, com o destaque para a elevação da linguagem cotidiana e para o caráter que essa toma, posta em trabalho literário. A dupla, que mostrou engajamento com a experiência do poema, realizou a ação de perguntar aos colegas e a pessoas aleatórias como vão as coisas mais cotidianas que os cercam e, segundo elas, todos afirmavam positivamente, com a volta pra a crítica que o poema constrói sobre a própria ideia de se estar *direitinho* e como as palavras, no diminutivo, destacam a caráter comodista das relações humanas na contemporaneidade. O grupo, ainda, realizou uma leitura satisfatória no que diz respeito à ligação entre os elementos verbo-visuais do vídeo-poema, com o destaque para o ritmo e a organização gráfica, retomando o modernismo da primeira fase e o movimento concreto. O quarto grupo, em seguida, apresentou uma leitura crítica e mobilizadora dos saberes construídos em sala de aula, observando a plurissignificação da palavra *entre* para a construção do poema e como o poeta selecionou palavras de campos distintos para evidenciar o espaço *entre* eles, realizando a ampliação da leitura no que diz respeito aos aspectos de organização gráfica – em sua ampliação para o vídeo – e a consolidação do modo moderno de fazer literário. Com alguma empolgação, os alunos evidenciaram a experiência positiva com o poema no exercício da leitura e de sua ampliação reflexiva. Cabendo ao quinto grupo a leitura do poema *imagem*, observando, inicialmente, os elementos que – verbalmente – constituem o poema e como eles estão deslocados para a própria desconstrução de que a imagem está posta para ser lida, quando – destaque das alunas – elas também nos leem e formam a dialética entre leitor e leitura. Com satisfatória ampliação para as observações do vídeo-poema/clipoema, as alunas demonstraram criticidade na experiência com o texto, de modo a destacar as passagens imagéticas e o modo – inicialmente silencioso – que amplia a proposta em folha do poema. O sexto, por fim, apresentou o poema *alta noite*, como o resgate do lirismo, na proposta estética de Arnaldo Antunes e na literatura contemporânea, observando como a personificação da noite é essencial para uma reflexão humana pautada na observação das coisas aparentemente insignificantes e sem uma percepção mais concreta. As alunas, de modo satisfatório, evidenciaram uma experiência pautada na troca com o texto, ainda mais quando se observou a leitura delas do vídeo-poema, que destaque a imagem melancólica e solitária da noite.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



A atividade, inicialmente pensada para o tempo de uma aula, tomou as duas do dia, mas sem o peso de apreciações forçadas, de modo que foi notória a empolgação dos alunos em comentar os textos apreciados, num evidente fruição que foi para além do espaço escolar e que contribuiu, ainda que de modo inicial, para a formação do leitor de poesia, tanto em linhas da tradição, quanto em linhas contemporâneas, uma vez que os alunos apresentaram leituras que foi buscar os liames, provisório – mas não frágil –, no cerne da primeira modernidade: evidenciando o caráter antropófago de Arnaldo Antunes.

Por um efeito de fim

Uma questão foi posta e rasurada deste início por solicitação não minha: dela, pouco saberemos; pois a questão é a volta dos afetos em máscaras muitas, em sorrisos demasiados, em choros incertos – ao final, tudo volta. Vão-se as coisas, ficam as memórias. E, ao acordar, perceberemos – cada qual com seu membro favorito estarrecido – que nos sonos muito se é construído: nas pausas, nas digressões, no não lugar... No ofício de fabricar, somos fabricados, tornamo-nos exatamente aquilo ao que nos dedicamos, às ações que nos tomam os sonos e nos levam ao acordar de uma fabricação que já não cabe mais em nós: somos elas. Dentre esses sonos, essas fábricas, essas memórias, destaco aqui – em *mudos fogos de artifício* – o momento vivenciado como sendo um lugar de formação minha no outro, na relação antropofágica que constitui as ações que, estou certo, repercutiram aos momentos outros. Afinal, a palavra demasiada rasurada, volta em questão primeira e os instrumentos me são (serão) insuficientes para analisá-los: uma experiência me é suscitada e nela me componho.

Numa ação de supressão que não excluiu a mágica, a parte angustiante foi suprimida daqui e levada ao acontecimento, de modo que, aula a aula, as máscaras voltavam e eram guias de angústias criativas: o sucesso foi realizado numa tríade – a vontade de se fazer boas as aulas, o desejo de colaborar para o acontecimento desse anseio e, o mais forte entre o provisório pé, a receptividade da interlocução prevista que me fez ver que a aula acontece de modo variado, tal como a língua, por ser – também, tal como a língua –, tecido vivo que forma, de linha em linha, o objeto vigiado: numa simulação do dormir. É nesta altura que me volto ao lugar das tentativas de levar a outras práticas uma que foi fecunda em aprendizado e que esteve além das convenções em manuais didáticos, na busca de um trabalho autoral e exigente, das ressalvas ao tempo: *por ser tão inventivo e por parecer contínuo*.



Referências

- ANTUNES, Arnaldo. **Nome**. Para BMG Brasil: São Paulo, 1993
- ALVES, J. Helder. Pinheiro. **Poesia na sala de aula**. 1ª. ed. João Pessoa: Idéia, 1995.
- ANDRADE, O. **Manifesto Antropófago**. São Paulo: Revista de Antropofagia, 1928.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Vladimir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro e João editores, 2010.
- CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. **Teoria da poesia concreta – textos e manifestos 1950-1960**. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- CÂNDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Edusp. 2006.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola – leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- MARTINS, I. **Literatura em Sala de Aula: da teoria à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação de Letras da UFPE, 2005.
- PAZ, O. **Os filhos do Barro**. São Paulo: Casac Naify, 2013.
- PERNAMBUCO. **Parâmetros para a educação básica do estado de Pernambuco: Língua Portuguesa**. Recife: Secretaria de Estado de Educação de Pernambuco, 2013.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Promessas, Encantos e Amavios** (1983). In: PERRONE-MOISÉS, L. (org.) **Flores na escrivaninha**, ensaios. São Paulo: Companhia das Letras: 1998.
- _____. **Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia** (1982). In: PERRONE-MOISÉS, L. (org.) **Flores na escrivaninha**, ensaios. São Paulo: Companhia das Letras: 1998.
- _____. **O ensino de literatura**. In: Encontro regional da ABRALIC. (11) NITRINI, Sandra Et al. (Org.). **Literatura, artes e saberes**, 2007. São Paulo: BROTHSCHIED, Aderaldo, Anais, 2008.
- TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. São Paulo: Difel, 2009.